

Projeto e desejo-de-ser jogador futebol: a biografia de Luiz Parise e o método progressivo-regressivo¹

Project and desire to be a football player: the biography of Luiz Parise and the progressive-regressive method

Julio Cesar Couto de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
juliocoutodoutorado@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2484-5633>

Fabio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Pelotas, RS
fabiobage@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9480-4493>

Paulo Ricardo do Canto Capela

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
pcapela@ufsc.br
<https://orcid.org/0009-0008-2578-0513>

Recebido em: 21 de janeiro de 2026

Aceito em: 13 de maio de 2026

¹ Este trabalho é parte reconfigurada da Tese defendida junto ao PPGE/UFSC em 2023, com fomento de bolsa Capes.

Resumo:

Esta pesquisa se situa no campo dos estudos (auto)biográficos, em que toma a memória e a narrativa como objetos de análise e compreensão sociológica. Trata da biografia de Luiz Parise, jogador e gestor no futebol do interior do Rio Grande do Sul entre as décadas de 1970 e 2010. Para a elaboração dessa história de vida, utilizou-se o método progressivo-regressivo sartriano e os conceitos de Projeto e Desejo. Buscou-se o cruzamento entre fontes orais, documentos pessoais, fotos e fontes jornalísticas. Todos catalogados e analisados a partir daquilo que representavam nas quatro etapas existenciais do biografado: infância, jogador de futebol, preparador físico e gestor. As entrevistas foram transcritas através do software Reshape. Como análise, utilizou-se a Análise Narrativa. Foram dez entrevistas realizadas, e mais de 150 documentos analisados. Diante deste material, evidenciou-se a intensa e marcante presença de Luiz Parise no futebol do interior do Rio Grande do Sul, contribuindo para o estreitamento das relações entre ciência e futebol.

Palavras-chave: Biografia. Futebol. Método progressivo-regressivo.

Abstract:

This research is situated within the field of (auto)biographical studies, which takes memory and narrative as objects of sociological analysis and understanding. It is a biography of Luiz Parise, a football player and manager in the interior of Rio Grande do Sul between the 1970s and 2010s. To elaborate this life story, the Sartrean progressive-regressive method and the concepts of Project and Desire were used. The research sought to cross-reference oral sources, personal documents, photographs, and journalistic sources. All were cataloged and analyzed based on what they represented in the four existential stages of the subject's life: childhood, football player, physical trainer, and manager. The interviews were transcribed using Reshape software. Narrative Analysis was used as the analytical tool. Ten interviews were conducted, and more than 150 documents were analyzed. Based on this material, Luiz Parise intense and significant presence in the football scene of the interior of Rio Grande do Sul became evident, contributing to the strengthening of the relationship between science and football.

Keywords: Biography. Football. Progressive-regressive method.

Introdução - A Práxis individual e o sujeito histórico

Luiz Antonio Parise Fedozzi² (1949 – 2021), ou Luiz Parise como era conhecido no cenário esportivo do Rio Grande do Sul, viveu o futebol gaúcho entre as décadas de 1970 a 2010, totalizando quarenta anos de dedicação. Talvez, a expressão mais importante deste cenário, ocorreu a partir da década de 1980, momento em que atuou no futebol profissional como jogador e preparador físico, transitando por diversos clubes tradicionais do interior do Rio Grande do Sul. Como atleta, foi convocado para a Seleção Gaúcha de futebol em 1976, e como preparador físico chegou ao time da capital gaúcha, o Grêmio Football Porto Alegrense, em 1990.

Alternou suas atividades entre jogador profissional, preparador físico, treinador e gestor executivo. Coube, ainda, entre essas atividades profissionais, a de coordenador do Projeto Esportivo UCS Olimpíadas, da Universidade de Caxias do Sul na modalidade de futebol, comentarista esportivo da Radio Caxias³, Assessor Esportivo na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Secretário Municipal de Turismo, Esporte e Lazer (SMTEL), na cidade de Rio Grande, na gestão do Partido dos Trabalhadores.

Luiz Parise era literalmente um sujeito do esporte. Embora tenha desenvolvido outras atividades, vai ser na esfera esportiva, mais precisamente no futebol, que demarcará não somente sua carreira profissional, mas, sua existência enquanto Projeto e Desejo de ser⁴ (Sartre, 1972). O Estado do Rio Grande do Sul, com suas características próprias, é parte da demarcação antropológica, onde seu Projeto obteve reconhecimento pelos seus pares, demarcando sua identidade a ponto de transitar, enquanto atleta profissional, como preparador físico e gestor pelos principais times gaúchos.

O futebol surgiu na sua vida com a força que surgia para outros jovens nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, momentos em que, as alternativas de lazer, já colocavam este esporte como uma atração e motivo de sociabilidade entre amigos, assim como também a possibilidade de reconhecimento e mobilidade social. De estatura mediana, estrutura muscular forte, Luiz Parise, reunia condições suficientes

² O nome, Luizinho, se apresentará no trabalho, mais na sua infância e como jogador de futebol. Parise ou Luiz Parise será utilizado já na sua fase mais adulta, como Preparador Físico ou Gestor.

³ Caxias do Sul/ Rio Grande do Sul

⁴ Quando estivermos nos referindo à projeto como um conceito sartreano, usaremos o mesmo com a primeira letra maiúscula, como “Projeto”.

para ser um bom jogador de futebol. Veloz, foi considerado mais tarde, pelos jornais locais, como um excelente atacante. Sua posição era o antigo ponteiro direito.

O esporte de uma forma geral e mais precisamente o futebol se revelaram como um contexto antropológico de formação de uma identidade nacional vencedora, especialmente demarcado pelos nacionais de 1958, 1962 e 1970. E Luiz Parise, neste contexto, não foi mero espectador, pois fez da sua práxis individual (Sartre, 1972), ‘motor’ da história do futebol gaúcho. Parise objetivou e foi objetivado pelo futebol brasileiro e principalmente o gaúcho - o contexto antropológico demarca e será demarcado pelo sujeito. Seus amigos eram amigos do esporte, sua casa era frequentada por aqueles que também viviam o esporte. Parise acumulava livros esportivos, mantinha-se informado diariamente pelas leituras dos jornais locais e pelos programas das rádios. Assistia tudo que fosse possível de jogos de futebol televisionados. Tal era sua atuação no futebol e tamanho o seu conhecimento sobre o esporte, que foi convidado para compor o quadro de comentaristas de uma das principais rádios da cidade de Caxias do Sul.

Ainda, como jogador de futebol, se formou em 1983 na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Desde sua infância, conviveu com as mazelas de uma vida pouco confortável e com as obrigações próprias de um mundo adulto impostas ao seu mundo infantil. Sua distante relação com o pai, sua morada com o avô, o trabalho precoce, a infância interrompida, perfazem sua existência. Por volta dos doze anos, o contexto sócio-cultural, ou, sua existência propriamente dita, já lhe infundia a responsabilidade de contribuir nas despesas da casa. E assim o fez. Engraxou sapatos, trabalhou de pedreiro, trabalhou em hotéis e posteriormente jogou futebol. Parise buscou ser, efetivamente, o “homem da casa”, protagonizou sua história, universalizou-a na sua singularidade.

Este estudo (auto)biográfico é uma contribuição aos estudos sociológicos do esporte, da educação e de caráter interdisciplinar, pois, analisa aspectos da história de vida de um sujeito que marcou o futebol gaúcho com seu protagonismo dentro e fora dos gramados. Polêmico e inteligente, procurou se reinventar em processos permanentes de totalização, destotalização e retotalização de uma existência dedicada ao estudo e intervenção no mundo futebolístico gaúcho.

Metodologia da Pesquisa ⁵ e o método Progressivo-Regressivo

Este trabalho, faz parte de uma tese de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, nos anos de 2019 a 2023⁶. O estudo das fontes, entrevistas e diálogos com testemunhas-chaves dos processos vividos por Luiz Parise, nos permitiram investidas profundas na vida do biografado, revelando episódios, situações e aspectos do seu cotidiano como jogador, treinador e gestor esportivo. As entrevistas nos possibilitaram acesso aos tempos e espaços no qual Parise esteve imerso, e, não necessariamente, ou tão somente, direcionado ao sujeito. Para “ouvi-lo”, ou compreendê-lo melhor, recorremos aos documentos por ele deixados - objetos memorialísticos que nos dão a sua própria palavra sobre a sua vida cotidiana no esporte. Nem os familiares, nem os amigos, nem os entrevistados, - que, ao falarem de Luiz, falam permeados por uma narrativa própria, por uma linguagem sempre doadora de sentidos -, nos diriam melhor sobre sua existência do que ele próprio. E a “fala” de Luiz são seus recortes de jornais guardados ao longo dos anos, colados, organizados à sua maneira em suas pastas. São os destaques em caneta, são os escritos ao lado de cada notícia ou foto, são as datas observadas. Ao lermos esse material, estamos lendo as reportagens e o sujeito. Corremos o risco, sabemos, ao fazer uma varredura nesse material, de entrar em um terreno escorregadio, colocando nossa interpretação nessa leitura. No entanto, é o mais perto que conseguimos chegar de um sujeito e sua relação com o mundo. Conforme Abrahão, (2003: 93),

A interpretação do investigador não desqualifica a interpretação/reinterpretação do narrador, que será respeitada em seu "estabelecimento da verdade", mas representa uma leitura do material narrativo, tendo em vista uma "referência de verdade" para além das narrativas, no esforço de compreender o objeto de estudo em duas perspectivas: na perspectiva pessoal/social do narrador - que representa as individualidades - na perspectiva da dimensão contextual da qual essas individualidades são produto/produtoras.

Ao estudar sua existência, revelou-se aspectos de uma época, em que o futebol assume uma grande importância histórica. Assim, torna-se possível compreendê-lo

⁵ Esta pesquisa foi desenvolvida sob o fomento de bolsa de pesquisa da Capes.

⁶ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em 29 de outubro de 2021.

vestido por um tempo histórico, condicionante e condicionado em suas ações. A biografia precisa fazer um inquérito desse tempo histórico (Dosse, 2015).

É a partir desta referência teórico/filosófica que investigamos os caminhos percorridos por nosso biografado, sua relação com o mundo, suas interlocuções, sua práxis – sendo a ação fundamental, já que tudo está em ato, e o mundo é conhecido pela ação e pela manipulação do objeto (Sartre, 2015), - e suas escolhas que nos possibilitaram resgatar os rastros do vivido, sua experiência-mundo, e, por fim, compreender seu projeto-e-desejo-de-ser imbricado com sua época e sua existência.

A condução do trabalho orientou-se pelo método biográfico progressivo-regressivo. Trata-se de um método dialético que Sartre (1972) utilizara em suas principais biografias, as quais buscam a compreensão dos sujeitos, seus Projetos e desejos-de-ser. Um primeiro e importante passo, evidenciado nas biografias sartrianas é situar o sujeito no mundo, visto que é preciso entender o sujeito em sua práxis e sua relação com o mundo. Nisso, Sartre está de acordo com Marx, e aqui está presente uma primeira aproximação com o movimento regressivo analítico (Cunha, 2019). Os fatos isolados para ambos não terão importante significado, mas sim o processo de totalização. Para Sartre, “os factos particulares nada significam, não são nem verdadeiros nem falsos, visto que não são restituídos através das diferentes totalidades parciais à totalização em curso” (Sartre, 1961, *apud* Cunha, 2019: 30).

É preciso recolocar nosso biografado no tempo histórico. “Recolocar” (olhar para o passado a partir do presente), porque não estamos mais no mesmo tempo histórico, na mesma temporalidade, há um cenário que se fez, mas também se desfez, e precisamos restituí-lo. Urge necessariamente uma exigência fundamental. E a exigência fundamental “em relação a um método capaz de uma compreensão total da realidade humana, é, precisamente, a de situar o seu objeto de estudo (isto é, o indivíduo concreto) relativamente ao processo histórico total” (Cunha, 2019: 26). O método é um movimento constante de ir e vir do indivíduo concreto às estruturas e vice-versa, e o existencialismo para Sartre é um método de compreensão da realidade humana.

Biografamos Parise a partir de três cenários: a Obra, a Vida e a sua História⁷. O primeiro movimento do método é regressivo, dirigindo-se à singularidade na tentativa de apreender o vivido, sendo a obra tudo aquilo que o sujeito fez. Depois é necessário

⁷ Tomamos estas fases de empréstimo do autor Tito Cardoso e Cunha, e sua obra: “Universal Singular – Filosofia e Biografia” na obra de Jean-Paul Sartre.

considerar os fatos relativos à Vida, na medida que a primeira reflete a segunda, para em seguida buscar-se estudar as estruturas sociais e o tempo histórico, pois, “[...] é no próprio decurso da vida singular que se descobre o geral. Com efeito, é na infância (com ajuda da psicanálise) e através da família como grupo que o sujeito descobre a história social” (Cunha, 2019: 35). Por fim, há necessidade nesta fase da análise, de construir uma unidade transversal, pois há uma certa heterogeneidade entre os três cenários na análise que precisam ser unificados. Aqui entra a noção de projeto; [...] é ela que permitirá a unificação/totalização da biografia” (Cunha, 2019: 36). A partir daí, entramos na vertente progressiva do método. É o momento da síntese.

No que diz respeito à obra, tomamos como material de análise aquilo no qual Luiz Parise se objetivou, ou seja, sua trajetória no futebol expressa na sua carreira de jogador profissional, assim como na função de Preparador Físico, cargo que assumiu por duas décadas, juntamente com a função posterior de Gestor Esportivo. Quanto à Vida, buscamos compreender sua relação com o mundo, expressa além de sua profissão nos clubes de futebol, e compreender, sobretudo, o sujeito como um fenômeno singular-universal. As estruturas sociais que incidem sobre nosso biografado, na sua infância, com sua família, com seus primeiros movimentos por dentro desta estrutura, é o momento da história que nos permite fazer a pergunta sartriana mais elementar: o que Luiz Parise fez com aquilo que fizeram dele?

Para este trabalho, tivemos sujeitos/fontes importantes, - considerados aqueles que disponibilizaram sua memória para recuperar determinado tempo histórico -, que se fizeram presentes efetivamente na vida de Luiz Parise, sejam como amigos, colegas de trabalho, familiares, atletas ou alunos. Cada um deles nos ‘entregou sua palavra’ nos oferecendo um momento de ‘escuta atenta’ e a produção de uma importante fonte memorialística que nos possibilitou a construir esse mosaico existencial, confrontando as fontes documentais, ou, então, preenchendo lacunas. Foram dez sujeitos entrevistados, e mais de 170 materiais entre recortes de jornais e fotos utilizadas para este estudo.

A Biografia entre a vida, a obra e a história

A Infância negada e o pai faltante: a *verticalidade* de uma análise regressiva.

Parise nasceu em 1949. No início da década de 80, quando já se afastava da sua vida de atleta, completava 31 anos, idade suficiente para uma personalidade estar constituída em um homem. O que fez, e o que fará, poderá estar mediado por sua primeira infância. Para Sartre (1972), a infância é esta “chaga profunda”⁸ que permanece em nós sempre que ganhamos o devido distanciamento para nos elaborar como adultos num outro contexto diferente daquele vivido como criança. Essa é, também, uma preposição psicanalítica, redimensionada nos estudos sartrianos. Cabe destacar que, o *Projeto* tem suas origens na infância, mas, nem sempre é redutível a ela. Os posicionamentos e atitudes até esse momento na vida de Parise, demonstram um sujeito submisso a situações que o “campo de possibilidades” lhe proporciona, e que demandam um certo grau de conformismo e renúncia. Por outro lado, esse mesmo cenário, ao puxá-lo para o futuro, poderá ser o propulsor de um sujeito que, irá se negar, durante toda a sua vida, a qualquer tipo de quietismo. Uma vida se desenvolve em espirais, como afirmou Sartre (1972), em *Questão de Método*, passa pelos mesmos pontos, embora em diferentes níveis, podendo ocorrer pausas abruptas ou conversões radicais. Essas considerações são importantes para demarcar uma primeira pausa de análise regressiva.

Sua primeira infância, cujo brincar estava alternado com o trabalho, está atravessada por decisões e compromissos assumidos tais quais no mundo adulto. E é tudo o que sabemos! Não temos grandes informações da criança, e não estamos, como escreveu Sartre, com as cartas na mesa. Existe quase uma amnésia nesse sentido, um silêncio a respeito dessa fase da vida. A criança está eclipsada. Luiz Parise parece ser obrigado a empurrar “Luizinho” para o esquecimento, e este só vai retornar nos campos de futebol. Lá, ao criar dribles, ao empreender fugas com a bola, ao brigar rebeldemente contra a arbitragem, ao reclamar constantemente de seu lugar na equipe, talvez estivesse, numa circularidade dialética, retomando a criança esquecida.

O cenário estabelecido, de difícil acesso, envolve principalmente a separação do pai e da mãe, motivo de sua mudança para a cidade de Caxias do Sul, deflagrando o sentimento de vazio gerado a partir da ausência da expressão da figura masculina na sua

⁸ Sartre utiliza esta nomenclatura na Biografia de Flaubert.

vida. Somam-se a isso, as dificuldades financeiras vividas pela família, que gerou a todos a escassez econômica, mas, a Luizinho principalmente, a escassez no seu mais amplo sentido. O irmão mais novo, tinha apenas dois anos, e sua irmã, que na conjuntura da época, teria, juntamente com a mãe, as atribuições dos afazeres domésticos. Era o que se esperava no ambiente de uma família tradicional. Coube, então, àquela criança, a inserção precoce no mundo adulto, e dessa forma, está claramente demarcado o seu campo de possibilidades.

Diante dessas condições, pouco resta à criança, senão aquela de cumprir o estatuto demandado pelo mundo adulto. Nesse primeiro momento, ela vive a vida que lhe foi imputada. Na primeira parte de nossas vidas, somos aquilo que os outros fazem de nós, afirmaria Sartre (2013) em Flaubert, sendo retomado logo em seguida seu próprio controle. Num segundo momento é que nos tornamos como sujeitos para-com-e-no-mundo.

O terreno aberto à frente do menino é permeado de ausências e de renúncias; talvez, a principal delas, seja aquela de ser livremente criança, mas outra, também importante, esteja ancorada na segurança diante dos senões do mundo, que todo pai oferece ao filho. Sua ausência, pode ter sido, o que Sartre chamaria de a brecha fundadora na vida do jovem. Por toda a história erguida, não foi possível observar em que momento houve um lugar seguro, onde a criança pudesse repousar, e sentir-se protegida e confiante ao relacionar-se com o mundo. Mesmo com sua maneira audaciosa no enfrentamento das vicissitudes da vida, Luiz Parise demonstrou várias vezes ser alguém inseguro, com dificuldades para lidar com críticas inerentes à função que exercia. Seu pai esteve ausente desde sua chegada a Caxias do Sul. O que representava, naquele momento, um rompimento da relação com a mãe, que se estendia também aos filhos. Sua mãe, por inúmeros motivos, precisava ficar em casa. Tinha tarefas a cumprir. Tarefas “destinadas” às mulheres daquele tempo, como os afazeres domésticos. Cuidar da casa e dos filhos menores representavam esses afazeres. Esse cenário, pautado pela imersão no trabalho, distanciava Luizinho de uma relação mais próxima com seus irmãos, mas também com sua mãe.

Seu tio, foi o mais próximo que Luizinho chegou de uma presença masculina de referência, mas não poderia ser tratado como pai. Era o tio e ponto. Seu avô paterno, era considerado um homem ríspido, e sua relação com ele se expressava muito mais na condição de ajudante do avô. Era o que o jovem Luizinho, talvez, representasse. Para

tentarmos fazer um movimento de análise da primeira infância de Luizinho, é preciso colocá-lo diante do cenário antropológico que envolve a sua época.

Não era algo tão difícil de se observar, naquele momento, um certo costume das famílias, ao passarem por dificuldades financeiras, mobilizar o filho mais velho como provedor imediato e emergente. Dessa forma, seu campo de possibilidades, estava de antemão demarcado. Sartre irá afirmar que nascemos todos predestinados, “[...] somos votados a um certo tipo de acção desde a origem, pela situação em que se encontram a família e a sociedade em dado momento. [...] em certos casos, a história condena antecipadamente” (Sartre, 1972: 92). Esse é o campo em que Luizinho se coloca como sujeito, essa é a forma como interioriza o mundo social. Essa é a situação. O campo está posto, seu deslocamento é necessário, o que resta analisar é como se desloca. Mas o que retém também impulsiona.

Quando o jogador Luizinho reclama insistentemente dos árbitros em campo, ou ainda, do seu treinador por colocá-lo no banco de reservas, ele se expressa como um adolescente rebelde e até mesmo inconsequente. Para Cannon, (2020: 120),

[...] todas as nossas maneiras de nos relacionarmos conosco e com os outros são tentativas para resolver o problema de ser. [...]. Nossos gestos, expressões faciais, postura corporal e todas as várias maneiras de viver nosso corpo são tentativas de resolver o problema de ser.

Em 1976, como um adolescente que ameaçava ir embora de casa, Luizinho disse que iria embora do clube Ypiranga da cidade de Erechim se não renovasse seu contrato. Estamos diante de situações que, entretanto, podem representar aquela rebeldia juvenil que foi reprimida num passado não tão distante.

Por outro lado, também se posiciona firmemente em determinadas situações, demonstrando uma personalidade forjada no ambiente sociológico que lhe exigiu, precocemente, decisões próprias do mundo adulto. O jovem adulto Luizinho, reproduz, nos campos de futebol, a singularidade estabelecida e vivida que lhe envolveu e o constituiu. Como escreveu Sartre (1972: 89), “[...] lembremos que vivemos nossa infância como nosso futuro. Ela determina gestos e papéis dentro de uma perspectiva por vir”. Um jovem, ao escolher ser um jogador de futebol, sabe que vivenciará num meio cujo cenário lhe exigirá determinadas condutas e posturas, e cuja falta lhe inviabilizará, às vezes, a execução do projeto.

Ao se encaminhar para a frente de uma rodoviária, ainda criança, para recrutar clientes para a churrascaria do tio, ao construir sua caixa de engraxate para trabalhar no centro da cidade e contribuir no sustento da casa, ao vender garrafas, ao trabalhar com o avô como pedreiro ou servente de obras, Luizinho sabia que a sua vida não seria amena.

Sua classe social estava dada, as cartas estavam postas na mesa, e seu poder de jogo não era dos melhores. A escassez, escreveria Sartre (1972) “[...] é, assim, um dado primeiro e fundamental da experiência humana” (Sartre, 1972 *apud* Cunha, 2019: 74). É a escassez que faz o homem produzir história. E a história se desenvolve num meio em que ela mesma é a sua força propulsora. Sartre posicionou inicialmente a escassez como algo inerente à própria existência, ontológica e existencial, sendo ela dada como algo natural, a partir da ideia do Outro como eu próprio, sendo o motor primeiro da busca incessante de sua superação. Essa não seria “uma questão de contingência social historicamente contornável, mas sim uma questão da determinação ontológico-existencial do ser humano segundo a qual, ‘o homem é objetivamente constituído como inumano’ e essa inumanidade traduz-se na práxis pela apreensão do mal como estrutura do Outro (grifos no original) (Meszáros, 2012: 296)”. Somente num segundo momento, colocou-a na história, e tornou-a transponível. A escassez, nesse último sentido, representaria a anarquia dos meios, os quais deveriam ser regulados ou mediados pelo Estado para uma harmonia dos fins. Em ambas as situações, é possível encontrar e situar Luizinho, mas é na perspectiva de um sujeito histórico, cuja escassez apresenta-se como resultado da distribuição desigual da produção coletiva pela ordem reprodutiva estabelecida, que o posicionamos.

A ordem social reprodutiva estava estabelecida, mas não determinada. Para isso Luizinho precisaria se reinventar. Não adiantaria ser nem uma criança e nem um adolescente envolvido e delimitado pelo seu campo de possibilidades. O que não quer dizer, que ele não pudesse ser aquilo que ele ainda não era, embora as condições materiais e seu campo de possibilidades demarcassem com certa rigidez seu espaço de atuação. “Se o passado é o seu chão, o futuro é seu significado” (Cannon, 2020: 118). Se o campo o delimita, sua consciência é livre, seu *Projeto* está sendo escrito, a caneta está na sua mão. Para Sartre, somente a psicanálise possibilita estudar a fundo esse processo, pois, buscaria analisar como “uma criança no escuro, tateante, vai tentar desempenhar, sem compreendê-lo, o personagem social que os adultos lhe impõem, só

ela nos mostrará se a criança sufoca em seu papel, se procura fugir dele ou se assimila inteiramente” (Sartre, 1972: 53).

Sua posição de ponteiro direito no futebol, no caso um atacante, não poderia ser imputada a alguém que não fosse impetuoso, atrevido, determinado, que não soubesse onde quer chegar. Um atacante, como o nome já diz, ataca, precisa saber aonde ir e não medir esforços. Novamente estava, sob a custódia de Luizinho, outra responsabilidade; dessa vez, as vitórias da sua equipe. Os gols, assim como o sustento da família, passavam por ele. Por conta disso, talvez, tenha sido também tão irreverente nos campos de jogo. Paralelamente ao seu comportamento de um jovem/adulto ainda carente, apresentava, ao mesmo tempo, atitudes e ações por demais intempestivas. Luiz era um sujeito inquieto, angustiado, quase sempre inconformado, ou com algum lugar, ou com alguma situação. Algumas ações em campo demonstraram isso. Não foram poucas as brigas e discussões em jogos.

Se o Homem é, num primeiro momento, aquilo que fizeram dele, Luizinho corrobora essa afirmação. Seu campo sociológico o condicionou a ser o que era. Se verticalizarmos um pouco mais a análise, e descermos um degrau, encontraremos naquele cenário, impróprio para o conformismo ou quietismo, os elementos que formaram temporariamente sua personalidade. A criança Luizinho, ascende ao mundo do trabalho de forma precoce, assumindo as responsabilidades devidas. O cenário aberto à sua frente não lhe exigia outra coisa que não fosse isso. Sobreviver era a palavra de ordem, e aqui tratamos da sobrevivência biológica e social. Nessas condições, existem poucas possibilidades, além daquelas de, necessariamente, demarcar seu campo de atuação. Luizinho, por sua classe social, não era portador de nenhum documento de livre acesso. Sabemos que, numa sociedade de classes, a transitoriedade é mais favorável àqueles que pertencem às classes consideradas por elas mesmas dominantes. O campo condiciona, mas não determina. Nessa válvula de escape, o jovem Luizinho transita com esforço. É exatamente esse cenário que lhe permite ser livre. E aqui, conforme Sartre (1972: 125), “o que chamamos de liberdade é a irredutibilidade da ordem cultural à ordem natural”.

O jovem Luiz, enquanto sujeito livre, não poderia absolutamente, por uma questão ontológica, delegar sua liberdade. Precisava sê-lo. O campo ao qual Luizinho projetou pertencer, exigia-lhe a todo instante esse reconhecimento. Para isso, precisava

se auto afirmar como sujeito. A autoafirmação passa, às vezes, por uma negação daquilo que lhe nega como sujeito histórico. Se a cena histórica lhe posicionou como apenas mais um sujeito, ou mais um jovem, cumprindo aquilo que foi estabelecido para alguém de sua classe social, ou seja, um sujeito a mais na esfera social do trabalho, no futebol, Luizinho se negou a essa condição. Ele não queria ser mais um, e não foi. Nos campos de jogo proporcionou, entre gols, dribles, arrancadas, brigas, reclamações e xingamentos, situações que o impediram de ser apenas mais um. Não por acaso chega à Seleção Gaúcha, e é escolhido, muitas vezes, como o melhor em campo.

Se, para o marxismo, o homem só nasce quando recebe seu primeiro salário, como destaca Sartre (1972), Luizinho nasceu precoce. Sua reificação inicia cedo demais no campo dos possíveis. Nesse caso, a família, como destaca Sartre, “[...] com efeito, é constituída no e pelo movimento geral da História e vivida, de outro lado, como um absoluto na profundidade e na opacidade da infância” (1972: 55). Esse cenário todo projetou Luizinho para a sua primeira infância, e para os desdobramentos de sua história. Ele singulariza essa universalidade e aponta-a em seu Projeto e desejo-de-ser jogador de futebol.

Entre a práxis e a demarcação de uma época: a *horizontalidade* de uma síntese progressiva.

Compreender um homem é compreender sua práxis e seu movimento em sua época. Isso significa compreender a singularidade de seu Projeto, e os elementos objetivos que compuseram ambos. Não podemos analisar um homem estagnado pelo seu passado, e nem por aquilo que entendemos que ele poderá ser, porque, nesse exato momento, pode ser que ele nem sequer seja, ou, talvez, já não seja mais. Parise não se encontra mais no terreno especulativo, pois sua história está totalizada, por isso a única costura possível para compreender a sua existência é por aquilo que produziu.

O que buscamos compreender é como sua práxis demarcou sua época. Não estamos questionando “se”, - porque, a priori, todo sujeito como *ser-no e do-mundo* de alguma forma deixa registros impressos na história, assim, construindo-a na sua singularidade. Entretanto, para alguns, que poderíamos chamar da grande “maioria”, esses registros dissolvem-se num meio tão alienante e/ou alienador, que passam despercebidos, transformando-se apenas em mero número estatístico, ou, às vezes, nem

isso. Para Sartre (1972), a História faz o Homem como resultado das forças produtivas, mas o Homem também faz a História no exato momento em que ultrapassa seus condicionamentos para demarcar o campo histórico.

O campo histórico da práxis de Luiz Parise foi o campo esportivo/futebolístico, que, por toda sua dimensão representativa, possibilita para alguns trabalhadores desse campo muito mais que o anonimato típico de outros campos de trabalho, pois lhes possibilita se credenciarem como ícones de identificação social nas mais diversas esferas que o futebol proporciona. Parise transitou por várias delas, e, em todas elas, foi possível evidenciar uma demarcação do sujeito no seu campo, nos permitindo compreender uma época que vai demarcando o sujeito (a cultura que o sujeito entranha), e o sujeito que vai, ao mesmo tempo, demarcando sua época naquilo que já destacamos como circularidade dialética. Foi nessa dimensão que Parise procurou atuar.

Como seria possível, então, essa dialética entre a singularidade-universal e a universalidade-singular? Sartre não deu respostas objetivas quanto a isso, mas nos deu indícios suficientes de que a via seria pelo trabalho. Destacou isso como sendo a *práxis*, ou, a objetivação do sujeito, noções que permearam seu pensamento principalmente no pós-guerra, quando se assume um intelectual engajado. Quanto à universalidade-singular, está respondida naquilo que compreendeu como história, não como categoria abstrata, mas como elemento concreto que se constrói na concretude da relação dos Homens com/entre os Homens, e destes com a natureza – o que chamou de matéria inorgânica (Sartre, 1972) -, numa interação dialética, não da última, mas da primeira. Toda prática sendo ação é ação dialética.

Se compreendermos trabalho não alienado como a relação que o ser humano estabelece com a natureza ao transformá-la, e, ao fazê-lo, produz cultura, trabalho e história, cada Ser humano, no seu contexto social, antropológico, político (na sua totalidade) e no seu tempo (totalização), ao produzir trabalho, está demarcando sua época. E todos os Homens juntos, de forma individual e coletiva, a partir do seu trabalho, estão produzindo a história, mesmo que essa história não os favoreça.

Não precisamos ir tão longe para compreender essa reflexão. Sartre nos ajuda nessa trajetória, ao escrever sobre Flaubert. Ele afirmou que a obra e o Homem são indissociáveis, ou, que só podemos compreender um por meio do outro (Monnin, 2017). A objetivação para Sartre, está pautada por aquilo que o sujeito fez em sua época, no seu local, na sua práxis com-e-no-mundo. Essa objetivação não está condicionada a

grandes feitos, ou a grandes obras, possíveis somente a figuras ilustres, como criticaram Ferrarotti (2013), e Joutard (2006). Mas a tudo aquilo que envolve uma relação do sujeito com a história, na sua singularidade-universal ou na sua universalidade-singular. Porque, para Sartre, é dessa forma que o Homem se faz Homem, e o mundo se faz mundo. É na inserção de inúmeras ações, a minha e a daqueles que não conheço, que uma determinada época ou cenário histórico vai se delineando. O Homem, é total/totalidade, pois, estão implicadas em si todas as dimensões: social, afetiva, política, antropológica. Para Sartre (2015: 153), essa totalidade é considerada como:

Um ser que, radicalmente distinto da soma de suas partes, reencontra-se integralmente – sob uma ou outra forma - em cada uma delas, e que entra em relação consigo mesmo, seja pela sua relação com uma ou várias de suas partes, seja relativamente às relações que todas ou várias de suas partes mantêm entre si.

E da *práxis* de Parise, o que poderíamos dizer? Parise esteve sempre atento a sua época, foi alguém do seu tempo, e, como comentaram alguns interlocutores e corroboraram algumas matérias esportivas, alguém também e, principalmente, à frente de seu tempo. Suas ações, suas exigências, reclamações e entrevistas constantes davam indicativos dessa afirmação.

Mas *práxis*, além de ação prática, também é fala, pois “[...] não devemos apenas compreender que ela é atividade, mas que é esse tipo de atividade propriamente humana, que é um projeto visando organizar a matéria inorgânica [...] para fazer alguma coisa com isto – para fazer outra coisa que não o estado atual” (Monnin, 2017: 120). Luiz falou, e falou muito. Foi ele quem disse, ainda algumas décadas atrás, que o jogador de futebol não sabia a força que tinha, que também era uma dificuldade para cobrar as mensalidades para o sindicato, e que faltava consciência de classe entre os jogadores. Isso nos permite compreender o quanto Parise estava imerso no seu tempo histórico, e, ao mesmo tempo, como compreendia a relação dialética entre sua *práxis* e sua época. Luiz sabia exatamente o que significava a consciência de classe, e a ausência dela, principalmente no meio dos trabalhadores, e que isso era um fato desconhecido entre os jogadores e, portanto, alienante e explorador. Tinha, em sua fala, uma leitura coerente da alienação de seus colegas e da reificação do trabalho humano, principalmente no futebol, espaço que absorve o jogador duplamente: como mercadoria e como produtor de mercadoria.

O engajamento político foi importante para Parise, porque, ao engajar-se, sentia-se como um sujeito transformador, negando por sua práxis a negação daquilo negado a ele. Luiz compreendia o movimento da relação capital x trabalho, no qual sempre esteve imerso, e, que a transformação disso exigia muito mais que compreensão, mas ação. Por isso, esteve o tempo todo atento às discussões políticas, mesmo sendo ainda um jovem, assim como também próximo à política partidária, principalmente ao Partido dos Trabalhadores, embora filiando-se somente algum tempo depois. Em sua função de gestor, teve inúmeras discussões e como consequência seguidas demissões, pois sua contratação, principalmente nessa função, justificava-se na resolução dos problemas do clube. Porém, Parise acabava querendo resolver os problemas dos jogadores como trabalhadores do clube, e quase sempre isso causava tensões.

O trabalho, mesmo diante da sua compreensão mais ampla, estava subscrito para si naquela ideia de sacrifício, de doação. Por isso, a entrega em demasia. Parise era católico praticante, frequentava as missas sistematicamente. Pode ser que a influência do seu tio Clóvis, tenha sido importante nesse aspecto, e, talvez, esse contexto religioso, tenha ajudado a introjetar na sua subjetividade o trabalho como expressão máxima da relação do sujeito com a natureza, o que exigia o sacrifício, pois, assim, o entendia. Mas, ao mesmo tempo, alimentava um certo regozijo nisso.

Hegel (2019) expressou o trabalho numa dialética entre o senhor e o escravo, mas, não sem antes demarcar o desejo como revelador e propulsor da ação humana negadora, que ao fim e ao cabo é o ser do desejo⁹. Escreveu que aquele – o trabalho - só existia na condição fundamental da existência deste – o escravo -, e que, seria necessário vencê-lo numa batalha de vida ou morte, o que significaria arriscar sua vida até a última consequência, coisa que o escravo não estaria disposto a fazer, e por isso tornara-se escravo. Ao mesmo tempo, a morte do vencido não interessava ao vencedor, pois, este necessitava que alguém reconhecesse na sua subjetividade, a sua vitória, e do morto não se poderia esperar nenhum reconhecimento. Se o trabalho, até esse momento, para Hegel significa o trabalho como expressão do sacrifício do vencido, mais adiante irá anunciar que, em sua forma dialética, o trabalho é ao mesmo tempo libertador, e que somente o escravo, a partir disso, poderá ser livre. Somente o escravo poderá se

⁹Estas ideias se aproximam com aquela de Sartre, principalmente quanto ao desejo como propulsor do trabalho.

relacionar com a natureza e produzir trabalho, e ser sujeito-no-mundo. Para Hegel, (*apud* Kojève 2014: 28), muito próximo daquilo que Sartre (1972) afirma,

É pelo trabalho e somente pelo trabalho, que o homem se realiza objetivamente como homem. Só depois de haver produzido um objeto artificial é que o homem é real e objetivamente algo mais diferente de um Ser natural; e é apenas nesse produto real e objetivo que ele toma de fato consciência de sua realidade humana subjetiva. Portanto, é pelo trabalho que o homem é um Ser sobre-natural real e consciente de sua realidade; ao trabalhar, ele é Espírito encarnado, é mundo histórico, é História objetivada.

O trabalho que expressa essa realização do homem junto à natureza, e que, dessa forma, também o humaniza, por vezes transforma-se numa relação hostil entre o mundo dado/apresentado e o mundo trabalhado, e pode inclusive levá-lo à morte. Para Hegel, (*apud* Kojève, 2014) o homem que não experimenta a angústia de um mundo hostil, inapto a si, permanece solidário para com esse mundo, e busca, no máximo, como um reformista hábil, transformá-lo. Mas aquele que sente a tentativa de sua aniquilação pelo mundo, muito mais que transformá-lo, desejará revolucioná-lo. Ora, “essa transformação revolucionária do mundo pressupõe a negação, a não-aceitação do mundo dado, em seu conjunto” (Kojève 2014: 30).

Parise, no que podemos compreender ao longo deste trabalho, não se expressou como um ativista revolucionário no sentido sociológico clássico, ou no sentido apontado por Hegel, mas era um revolucionário de ideias, e o futebol, o seu campo prático para colocá-las em movimento. Ele teve importantes ensaios que lhe garantiram uma autoafirmação nesse campo. As carreiras de jogador, preparador físico e gestor, asseguram essa afirmação. Parise gostava de ir além, ousava, e por isso tensionava seu ambiente de trabalho, pois, existia uma lacuna entre aquilo que Parise pensava e aquilo que os dirigentes dos clubes esperavam.

Parise estava literalmente imerso em tudo aquilo que fazia. Reproduzia o pensamento de sua época no seu campo de atuação, mas também reproduzia, concomitantemente, talvez, sem uma reflexão mais aprofundada, as ideias de uma classe dominante, mesmo com todo seu discurso politizado. Pois, ainda que diante daquele seu cientificismo justificado por representar a modernidade nos campos de futebol, mesmo com a personalidade inovadora e irreverente que tinha, Parise estava envolto por um trabalho alienado. E em Sartre (2015), essa alienação está em correlação com a práxis e

com a liberdade. Se Parise, em sua objetivação, atravessou e demarcou a objetivação e práxis de outrem, foi, ao mesmo tempo, também demarcado pelas práxis alheias, causando um estranhamento para si mesmo. Nesse caso, a alienação “é o outro que me torno, não como simples resultado de minha *livre praxis* (grifo no original), mas como resultante das atividades dos outros que se apropriam de minhas objetivações e alteram seu sentido” (Mattos, Ewald & Castro, 2012: 737).

No futebol, não é difícil encontrarmos essa situação vivida por aqueles que nele trabalham, pois aquilo que Sartre (2002) chamaria de grupo em fusão, situação que destaca como possibilidade do trabalhador “despertar” da sua alienação, dificilmente se materializa. Somente esse grupo para Sartre é consciente de sua alienação. O trabalho no futebol é sempre vivenciado muito sozinho por todos aqueles que nele atuam¹⁰. Por mais que se viva em grupo nos treinamentos, nas concentrações, nas viagens, a vivência é por demais solitária. Os jogos são a única coisa que os une em torno de uma causa; terminados os jogos, termina aquilo que os une. Essa característica grupal se aproxima daquilo que Sartre entendeu por grupo seriado. Findado o objetivo comum, a solidão volta novamente para todos, e com ela a alienação daquilo que representam verdadeiramente nesse sistema de produção.

Parise alertou para isso em entrevista, ainda como jogador, ao denunciar a “falta de consciência dos jogadores de futebol” (sic); todos alienados pelo trabalho. Reproduziam, através do trabalho, o projeto daqueles que o alienavam, do que seu próprio projeto como sujeito livre. Por isso, sua práxis era incisivamente marcante. Como aquele que entrega sua força/energia para objetivar-se naquilo que produz, Parise buscava entregar-se ao máximo, ser o melhor naquilo que, de alguma forma, lhe dava algum sentido, e assim reproduzia o sistema, o que o tornava um *prático-inerte*. Para Sartre (1972; 2015), isso quer dizer que estamos num mundo marcado por relações e estruturas que foram construídas antes de nós por aqueles que nos precederam, e nas quais apenas nos inserimos. Significa dizer, que estamos num mundo prático, construído por estes predecessores, mas, inertes por este projeto estar de antemão posto na matéria trabalhada, e do qual não reunimos, ainda, condições suficientes para sua superação, mas apenas a sua reprodução.

¹⁰ Aqui a reflexão está direcionada ao futebol profissional, pois, talvez as experiências vividas por equipes e clubes amadores, manifestem-se de maneira diferente. São elementos importantes de serem pensados, mas que, ao fazermos aqui, nos afastaria do escopo deste trabalho.

Luiz Parise, na condição do prático-inerte, tinha o trabalho como algo revolucionário, mesmo que esse fosse apenas transformador dele mesmo e do meio no qual estava imerso. Acreditava veementemente nisso, e aqueles que trabalharam ao seu redor reconheciam essa crença. Suas férias, grande parte delas tiradas dentro de um clube de futebol, corroboram essa afirmação. Silva (2013) chamou isso de mais-valia-ideológica, aquela produzida, principalmente, nas horas de lazer ou folga do trabalhador. Se acima citamos Hegel, para expressar a dialética existente entre aquele que detém o poder e aquele que se submete a este poder, abrindo mão de sua liberdade para reconhecer o outro como tal, para Sartre (2015), isto se apresenta como uma alienação como liberdade alienada. Destaca haver uma desconsideração de Hegel das condições de existências do escravo quando reconhece o Senhor como seu Senhor, assumindo-o assim como tal na sua subjetividade. Essa impotência viria, particularmente, da sua forma serial de organização coletiva, que se expressa ao fim e ao cabo, na solidão de cada um diante dos demais. O escravo, portanto,

renuncia livremente seu ser livre pela *impotência* de afrontar o poder do senhor *sozinho* (grifo no original) e vê-se constrangido por todos os outros a manter-se escravo em função de encontrar-se inserido em um coletivo serializado dentro do qual vive relações de isolamento e de mútuo condicionamento em função das exigências do campo prático-inerte as quais estão todos submetidos (Mattos, Ewald & Castro, 2021: 10).

Era essa solidão que Parise denunciava, e era isso ao mesmo tempo que Parise vivia e reproduzia naqueles longínquos ambientes de trabalho que o mobilizavam intensamente. Por, talvez, achar que o trabalho pudesse, mesmo ao final, ser mais libertador do que alienante, ele buscou, em toda a sua existência, vivê-lo intensamente, mesmo que isso significasse viver quase que uma vida inteira sobre a égide das renúncias.

Algumas Considerações

O que podemos dizer da vida de um homem, e, ainda, da sua relação com o mundo e com sua época? Retornamos, dessa forma, à questão inicial. Este trabalho, através da biografia e do método Progressivo-Regressivo, buscou recuperar fatos, acontecimentos e cenários que erguessem um sujeito, possibilitassem sua compreensão.

Procuramos traçar as relações do sujeito em sua ampla expressão existencial, ou seja, um sujeito marcado por uma infância e por sua família, e, conseqüentemente, por uma época, expressamente por conta das interações sociais que estabeleceu com ela. Isso permitiu, através dos nexos com as macros determinações de sua época, estabelecer os recortes do estudo, concomitantemente, dando visibilidade a existência de Luiz Parise, e tornando essa metodologia um dos esteios seguros para as afirmações que fizemos, a fim de responder à pergunta central formulada na nossa investigação.

Em sua atuação, exerceu diversas atribuições profissionais nos esportes de forma geral, e no futebol de forma específica. Insurgiu-se quase sempre, em cada momento como um exemplar nada comum, como um sujeito de personalidade firme, polêmico e, sobretudo, destacando-se, quase sempre, como um pioneiro em seu tempo, com inovadoras proposições, algumas oportunas e bem aceitas, outras tantas repelidas pelos momentos culturais e formas de serem propostas e/ou implementadas.

Essa afirmação se sustenta à luz das inúmeras falas dos entrevistados e no cruzamento desses dados com a literatura utilizada por Luiz Parise, e pela forma original e pioneira como ele tratava as questões práticas de seu dia a dia de profissional do futebol, utilizando-se de inovadoras abordagens e aportes conceituais, muitos ainda desconhecidos nos lugares onde atuava. É bem verdade que algumas de suas formulações chocavam-se com as conjunturas culturais em que atuava, carecendo de uma melhor “engenharia social” em suas elaborações, algo nem sempre presente em suas formas de agir, mas quase sempre refeitas após suas intervenções pioneiras, levando-o a buscar novas diretrizes para seus posteriores trabalhos dos quais muitos se beneficiavam.

É possível afirmar que, a partir de sua atuação como profissional, Luiz Parise notabilizou-se demarcando uma época do futebol no interior do Rio Grande do Sul, por vezes, buscando ser um representante da modernidade desse esporte no interior gaúcho? Pergunta importante, que talvez ultrapasse o escopo da investigação central, porém, não abre novas perspectivas investigativas, mas, complementa a pergunta original.

O trabalho para Parise foi o condutor de toda a sua existência, e em nome dele praticou inúmeras renúncias, entre elas a da própria família. Isso o legitimou em seu território como um sujeito eficiente naquilo que fazia, pois, o local onde estivesse, ele estava totalmente envolvido. O eixo da profissionalização apresenta-se como algo relevante em toda sua trajetória de trabalhador do futebol, cabendo a ressalva quanto a

sua inflexibilidade em não abrir exceções às suas próprias formulações no contexto das equipes em que atuava e no trato com os dirigentes, fazendo exigências, por vezes, maiores do que aquelas que a conjuntura dos clubes possibilitava, atitude que inviabilizou, em vários momentos, sua permanência nos clubes de futebol e em outros segmentos.

Podemos afirmar, ainda, a partir do material analisado, que Luiz Parise também se notabilizou como um profissional público, quando atuou como assessor parlamentar no Rio Grande do Sul, e Secretário de Esportes, Turismo e Lazer na cidade de Rio Grande pelo Partido dos Trabalhadores. Isso demonstra sua liderança e espírito de intelectual público que o acompanhavam em inúmeros outros momentos de sua atuação como profissional do futebol.

Parise encerrou sua existência em 31 de março de 2021, em plena crise da Covid-19. Seu velório foi simples, com a presença de apenas três ou quatro vizinhos do bairro onde morou. Daquele sujeito que viveu muito tempo de sua vida rodeado de amigos, e que reclamava veementemente a falta deles, restou apenas a ausência, o silêncio e a paisagem. Luiz Parise, de forma muito simples, ali se despedia. Como escreveu Sartre, “no entanto, ele amou, quis viver, viu-se morrer; é quanto basta para fazer todo um homem” (Sartre, 2018: 20).

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica*. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas, n. 14, p. 79 – 95, set. 2003.

CANNON, Betty. *Psicanálise e psicanálise existencial*. In CHURCHILL, Steven.; REYBOLDS, Jack. (Editores). Jean-Paul Sartre: conceitos fundamentais. Petrópolis/RJ, Vozes, 2020 p. 110 – 130.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2015. 438 p. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza.

CUNHA, Tito Cardoso e. *Universal singular: filosofia e biografia na obra de jean-paul sartre*. Lisboa, Fim de século, 1997.

FERRAROTTI, Franco. *Sobre a ciência da incerteza*. Angola e Portugal: Mulembao & Pedagogo, 2013. 98 p. Tradução: Narrativa traçada.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A verdade da certeza de si mesmo*. In Fenomenologia do espírito. Rio de Janeiro, Vozes, 2019 p. 135 – 170.

JOUTARD, Philippe. *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. (Org.) usos & abusos da Historia Oral. Rio de Janeiro, FGV editora, 2006.

KOJÈVE, Alexandre. *A dialética do real e o método fenomenológico*. In. Introdução a leitura de Hegel. Rio de Janeiro, Contraponto, 2014. 557 p. Tradução: Estela dos Santos Abreu. p. 421 – 494.

MATTOS, Amanda Rocha; EWALD, Ariane Patrícia e CASTRO, Fernando Gastal de. *Liberdade, alienação e criação literária: reflexões sobre o homem contemporâneo a partir do existencialismo Sartriano*. Estud. pesquis. psicol. [online]. 2012, vol.12, n.3, pp. 724-766. ISSN 1808-4281.

MÉSZÁROS, István. *A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história*. São Paulo, Boitempo, 2012. 330 p. Tradução: Rogério Bettoni.

MONNIN, Nathalie. *Sartre*. São Paulo, Estação Liberdade, 2017. 278 p. Tradução: Nícia Adan Bonatti.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 24. Ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2015. 1111 p. Tradução: Paulo Perdigão.

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. 3a. Ed. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1972. 149 p. Tradução: Bento Prado Júnior.

SARTRE, Jean-Paul. *O Idiota da Família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Porto Alegre, L&Pm, 2013. 1111 p. (Volume 1). Tradução: Julia da Rosa Simões.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2002. 900 p.

SILVA, Ludovico. *A mais-valia ideológica*. Florianópolis, editora Insular, 2013.